



# IACÁ:

## *Artes da Cena*

ISSN 2595-2781

TEATRO DO OPRIMIDO

dos movimentos sociais à educação do campo

Rafael Litvin Villas Bôas

**TEATRO DO OPRIMIDO:**

dos movimentos sociais à educação do campo

**THEATRE OF THE OPPRESSED:**

from Social Movements to Rural Education

**Rafael Litvin Villas Bôas**

[rafaellvboas@gmail.com](mailto:rafaellvboas@gmail.com)

Universidade de Brasília (UnB)

**Resumo:** O artigo analisa o percurso de trabalho com as técnicas e formas do Teatro do Oprimido pela Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, destacando a importância do processo de socialização dos meios de produção da linguagem teatral empreendido por Augusto Boal e pelo CTO entre os anos de 2001 a 2005, que formou um grupo de curingas militantes do MST empenhado em formar grupos e ministrar oficinas em territórios da reforma agrária e escolas do campo. As metodologias e formas do Teatro do Oprimido são acionadas para trabalhar questões relativas à experiência dos educandos do curso, na ação em comunidade e no trabalho no âmbito escolar. A pesquisa analisa o desdobramento de dezoito anos de trabalho com teatro no curso, nas esferas articuladas do ensino, da extensão e da pesquisa, destacando os avanços, os limites e os desafios da experiência em andamento.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido, Universidade, Educação do Campo, Movimentos Sociais.

**Abstract:** The article analyzes the path of work with the techniques and forms of the Theater of the Oppressed by the Bachelor's Degree in Peasant Education at the University of Brasília, highlighting the importance of the process of socialization of the means of production of theatrical language undertaken by Augusto Boal and the CTO between 2001 and 2005, which formed a group of MST activists committed to forming groups and teaching workshops in agrarian reform territories and rural schools. The methodologies and forms of the Theater of the Oppressed are used to address issues related to the experience of students on the course, in community action and in work within the school environment. The research analyzes the unfolding of eighteen years of work with theater on the course, in the articulated spheres of teaching, extension and research, highlighting the advances, limits and challenges of the ongoing experience.

**Keywords:** Theater of the Oppressed, University, Peasant Education, Social Movements.

O artigo apresenta a descrição e análise do trabalho com as técnicas e formas do Teatro do Oprimido, que fundamenta a experiência com as artes cênicas da Licenciatura em Educação do

Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília, desde o momento da origem do curso, em 2007, até o ano de 2025, em um recorte histórico de dezoito anos.

É evidenciada no estudo a influência determinante do trabalho com Teatro do Oprimido desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir da experiência da Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, criada em 2001 por meio de parceria com Augusto Boal e o Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO-RJ), que desenvolveu, em cinco anos, um processo de formação em alternância, com cinco etapas de Tempo Escola, com 300 horas de duração de um curso de formação de curingas, para que militantes treinados com as técnicas do Teatro do Oprimido pudessem multiplicar os conhecimentos adquiridos nos espaços de atuação do MST (Villas Bôas, 2013, 2021).

Para isso, primeiramente o artigo apresenta a estrutura organizativa do curso de Licenciatura em Educação do Campo, destacando o regime de alternância e o papel que o Teatro do Oprimido cumpre no curso, em Tempo Comunidade, no processo organizativo dos estudantes e das comunidades, por meio da formação de grupos e construção de cenas de Teatro Fórum.

Na sequência destacamos, com exemplos, a maneira como o curso trabalha com algumas técnicas do Teatro do Oprimido. E, por fim, observamos alguns limites e desafios do processo de trabalho em andamento.

### **A estrutura organizativa da Licenciatura em Educação do Campo**

Em 2007 foi criado na Universidade de Brasília, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade Federal da Bahia o curso de Licenciatura em Educação do Campo como projeto piloto, por demanda dos movimentos sociais, principalmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para que se ampliasse a formação de professores para atuar nas escolas do campo, devidamente formados numa pedagogia diversa daquela referenciada no meio urbano, desenvolvida por professores e militantes de movimentos sociais. A ação foi assumida pelo Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESU) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

Na sequência do projeto piloto, o curso se tornou regular com a adesão da UnB ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) do Ministério da Educação e, por meio de concursos, o corpo docente efetivo do curso foi contratado. Teve início, desde então, uma política de ação afirmativa para os povos do campo e dos quilombos destinada aos jovens e adultos que tenham concluído o ensino médio e também aos profissionais da comunidade escolar, professores ou de outros segmentos, em exercício nas escolas do campo da rede pública na região do Distrito Federal, entorno (DF) e Goiás (GO); noroeste de Minas Gerais (MG) ou em experiências educacionais alternativas de Educação do Campo; ou ainda àqueles que atuam em programas governamentais que visem à ampliação do acesso à educação básica da população do campo.

Uma das características diferenciais do curso é o regime de alternância, que organiza o tempo de formação do curso em dois momentos, o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC) de modo que as turmas cumprem, em cerca de dois meses, a carga horária das disciplinas no campus de Planaltina e, posteriormente, desenvolvem tarefas de estudo, culturais e científicas, nas escolas e comunidades, sob a supervisão e sempre que possível com a participação de educadores do curso acompanhando os processos, que no TC são protagonizados pelos educandos do curso. Conforme sistematização elaborada por Souza e Angelo (2019), os princípios da alternância destacados são os seguintes:

1. “O saber não está só na universidade, mas também no campo;
2. O saber não está só no professor, mas também na comunidade;
3. A importância do reconhecimento da intencionalidade pedagógica da alternância;
4. Assumir a pesquisa como princípio educativo;
5. A necessária integração entre a teoria e a prática” (2019, p. 335).

Este formato de curso, se por um lado enseja novas perspectivas para a educação superior, ao incluir segmentos alijados desta esfera de formação, por outro implica em novos desafios, a saber:

1. Diversificação das estratégias de ingresso dos sujeitos camponeses nas Licenciaturas;
2. Fortalecimento do protagonismo dos movimentos sociais;
3. Vinculação com as escolas do campo, inclusive com espaços de atuação profissional de egressos do curso;

4. Concepção de alternância a ser implementada nas licenciaturas e a compreensão e a execução da formação por área de conhecimento (Leal *et al.*, 2019, p. 50).

### **A área de Linguagens da Licenciatura em Educação do Campo em perspectiva histórica**

O fato de os movimentos sociais que lutam pela implementação e ampliação da proposta da Educação do Campo terem colocado em pauta a necessidade de refletir sobre como ensinar linguagens artísticas e português nas escolas do campo acontece num momento em que a percepção crítica sobre as consequências alienadoras do monopólio dos meios de comunicação de massa se avoluma em diversos segmentos de classe da sociedade brasileira, agravados na última década pela ação das redes sociais das grandes empresas de tecnologia e inovação, chamadas de *Big Techs*, cujos efeitos prejudiciais às democracias consolidadas ou em construção vem sendo comprovados em escala exponencial (O’Neil, 2020; Mendes, 2022; Fischer, 2023).

A relação alienada com os meios de comunicação hegemônicos é consequência do processo de inserção na modernidade pela via exclusiva do consumo, mediante o desconhecimento generalizado dos modos de produção, das técnicas e das intenções políticas dos meios de comunicação de massa. Encarados como massa consumidora e, sem letramento crítico que lhes permita a análise e contestação dos padrões estéticos hegemônicos, a população fica suscetível a toda ordem de impulsos e manobras de legitimação da ordem da classe dominante. Augusto Boal abordou a questão em um de seus últimos livros “A Estética do Oprimido”: “As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos” (Boal, 2009, p. 15).

O processo de inserção em uma sociedade totalitária de mercado por meio do consumo foi acelerado e consolidado com a ditadura militar, iniciada em 1964, que interrompeu experiências contra-hegemônicas de educação popular em perspectiva emancipatória, que trabalhavam de forma coesa e produtiva as esferas da cultura, educação, economia e política, como, por exemplo, a proposta da Pedagogia do Oprimido, eixo principal do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco (MCP), coordenado por Paulo Freire durante o governo de Miguel Arraes no estado, e

os Centros Populares de Cultura (CPCs) que se espalharam por mais de doze capitais do país por meio da parceria da União Nacional dos Estudantes (UNE) com artistas e movimentos sindicais e camponeses.

O golpe de 1964 destruiu os laços políticos entre os segmentos operário, camponês e estudantil, que viabilizavam a troca de experiência e fortalecia a consciência política de classe dos participantes e tornava possível a transferência dos meios de produção de diversas linguagens artísticas.

Como consequência, o aparelho escolar ficou vulnerável à influência da indústria cultural no Brasil, e os danos são perceptíveis na rotina das salas de aula, pois, em geral, os professores ignoram por completo o fato de que para além da alfabetização escrita, muitas vezes precária, que destina boa parte de nossa população ao analfabetismo funcional, seria necessária a alfabetização estética da população.

A experiência da Brigada Nacional de Teatro do MST foi determinante para a organização do trabalho teatral na Educação do Campo, por se pautar pela transferência dos meios de produção da linguagem teatral visando a formação de grupos e multiplicadores nas áreas da reforma agrária, e por se confrontar sistematicamente com a lógica do espetáculo, a partir do trabalho teatral elaborado por meio do debate das experiências de opressão vivenciadas pelos participantes do curso, e comunidades dos territórios em que vivem.

Nesta metodologia há uma práxis, que implica na análise direta da experiência social em andamento, no estudo do modo de vida, e na transformação dessa matéria social em forma teatral, organizando as contradições da dinâmica econômica, política e social, em forma estética, com potencial de desvelamento de questões que não aparecem como óbvias em outras formas de organização discursiva sobre a realidade. A eficácia do trabalho se dá quando o resultado do processo consegue formular imagens críticas da realidade, pontos de vista outros, diversos daqueles sedimentados pelos padrões hegemônicos de representação da realidade.

### **Teatro para dentro e para fora das escolas: meio de formação e organização social**

Em 2010, após os três primeiros anos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB, avaliamos que era necessário dar continuidade ao trabalho teatral, para além do tempo destinado ao teatro nas disciplinas. Com essa constatação criamos o Terra em Cena, um projeto de extensão, com a intenção de formar grupos nos territórios em que atuamos, e nas escolas do campo, tendo nossos estudantes e egressos do curso como agentes indutores desse processo, oficinairos, coordenadores do grupo, ou integrantes dos mesmos, organizadores de um processo de circulação dos grupos e peças por suas comunidades, etc.

Por meio desse método, inspirado diretamente no trabalho de Augusto Boal com a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, o coletivo Terra em Cena colaborou, por meio de oficinas, acompanhamento de ensaios, apoio na direção ou dramaturgia coletiva, com a criação dos grupos: Arte e Cultura em Movimento, no Assentamento Virgilândia, do Movimento de Luta pela Terra (MLT), no município de Formosa (GO); Consciência e Arte, no assentamento Itaúna (Contag), no município de Planaltina de Goiás (GO); Arte Kalunga Matec, na comunidade Engenho II do quilombo Kalunga, em Cavalcante (GO); incorporamos a Brigada Semeadores, do Assentamento Gabriela Monteiro, do MST do Distrito Federal e Entorno, situado em Brazlândia (DF); Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT), elenco formado por estudantes quilombolas Kalunga, sediado em Cavalcante (GO); coletivo Jiquitáias, da comunidade Ema do quilombo Kalunga, sediado na escola estadual Mãe França, no município de Teresina de Goiás (GO); e o coletivo Ledocênicas, formado por estudantes e egressos da LEdoC, sediado em Planaltina (DF).

A partir de 2013 o Terra em Cena começou a organizar as mostras “Terra em Cena e na Tela: produção teatral e audiovisual da Educação do Campo”, que consolidou o trabalho em interface entre teatro e audiovisual a partir de um projeto, de formação de documentaristas, desenvolvido entre 2012 e 2013, com financiamento do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) e da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ).

O projeto de extensão Terra em Cena também atuou, em diversos momentos, como grupo de teatro, montando peças tanto de criação própria, como “Contra quê? Contra quem?” (2010), quanto versões adaptadas de obras de referência do teatro político, como “Mutirão em Novo Sol” (2011 e 2012) – de Nelson Xavier e Augusto Boal, com participação de Benedito Araújo e Modesto Carone – a primeira peça em que a luta pela terra e seus personagens camponeses assumem a condição de protagonismo, na história do teatro brasileiro.

Além disso, o Coletivo Terra em Cena desenvolveu uma webserie chamada “Revoluções” com cinco episódios<sup>1</sup>, na conjuntura do golpe midiático, empresarial e parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff e realizou encenações para rua e versões audiovisuais de cenas de um grupo de agitação e propaganda soviético chamado Coletivo Blusa Azul, que atuou entre 1923 a 1927 na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), no âmbito do projeto Terra em Cena Conta Coletivo Blusa Azul (2017).

Desde 2013 foram realizadas seis edições da mostra, sendo que quatro delas ocorreram no campus de Planaltina da UnB, e duas delas em outras cidades e estados em que o coletivo auxiliou no processo de formação de grupos: a 4ª Mostra ocorrida no campus de Bom Jesus (PI) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 2019, e a 6ª edição ocorreu na cidade de Cavalcante (GO), município em que fica localizada a maior quantidade do quilombo Kalunga, de 256 mil hectares, o maior do Brasil, e região em que o Terra em Cena participou da construção de três grupos formados por estudantes da LEdoC e professores quilombolas egressos do curso. As mostras funcionam como marcadores de tempo e organizadoras dos ensaios das peças de repertório e estímulo para construção de novas peças por parte dos grupos, pois no momento em que ocorrem, os grupos se apresentam para os demais elencos e para a comunidade do local.

As atividades teatrais do Terra em Cena são integradas aos componentes disciplinares de teatro da LEdoC: sobretudo em Oficina Básica de Artes Cênicas e Pedagogia do Teatro. A partir desta relação novas peças surgem dos processos de improvisação e construção coletiva em laboratório, e por vezes se tornam as primeiras do repertório de novos grupos, como ocorreu com o coletivo Ledocênicas, criado em 2023, com uma peça de Teatro Fórum sobre assédio contra

---

<sup>1</sup> Disponível pelo youtube <https://www.youtube.com/watch?v=nwlsk7VBRBo> e pelo blog [www.terraemcena.blogspot.com](http://www.terraemcena.blogspot.com)

estudantes mulheres no ambiente universitário, que estreou na 5ª Mostra Terra em Cena e na Tela, no teatro Augusto Boal do campus de Planaltina.

Na LEdoC, progressivamente, o teatro vem assumindo funções pedagógicas, formativas, interdisciplinares e atua como meio de comunicação, além de método de educação popular. Por exemplo, para as atividades da comissão de divulgação do vestibular da LEdoC, em 2024, a disciplina de “Oficina Básica de Artes Cênicas” (OBAC) construiu cenas de Teatro Fórum e de Teatro de Agitprop para serem apresentadas em escolas, comunidades camponesas e quilombolas, bem como em acampamentos e assentamentos da reforma agrária, no momento em que a comissão de divulgação do vestibular fazia o chamamento para o curso e explicava a forma de seu funcionamento.

O Terra em Cena trabalha de forma articulada com as dimensões do ensino, da extensão e da pesquisa. Desde 2016 se constituiu também como um grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/228220>). E desde 2017 criou, em parceria com alguns coletivos e movimentos sociais a Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF. Dois livros foram construídos coletivamente “Teatro político, formação e organização social” (Rocha *et al*, 2015) e “Cultura e Política: narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular” (Pinto *et al*, 2023) e podem ser encontrados no blog [www.terraemcena.blogspot.com](http://www.terraemcena.blogspot.com).

Três anos depois de iniciado, o Coletivo Terra em Cena iniciou o processo de articulações em rede em escalas nacional e internacional. Em setembro de 2013 participou na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, do VI Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, coordenando um mini-curso e apresentando uma peça de Teatro Fórum; em outubro do mesmo ano, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na cidade do Rio de Janeiro, participou do 1º Encontro Latino Americano de Teatro Político, organizado pelo Instituto Augusto Boal; e em setembro de 2014, a coordenação do Terra em Cena participou do 1º Seminário Internacional Teatro e Sociedade, em São Paulo, organizado pela Companhia do Latão, pelo Instituto Augusto Boal, e por professores da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e UFRJ. Na plenária final desse seminário o Coletivo Terra em Cena foi indicado para sediar, na Universidade de Brasília, o II Seminário Internacional Teatro e Sociedade, evento que ocorreu

no final do ano de 2015, no campus de Planaltina da Universidade de Brasília, com cerca de cem participantes de três países, Brasil, Argentina e Uruguai.

Em abril de 2015 o coordenador do Terra em Cena participou da IV edição do Óprima, um encontro de grupos de teatro político que ocorre anualmente em Portugal, e nessa edição recebeu integrantes de grupos de mais de quinze países. Na ocasião, ministrou uma oficina de Teatro Invisível e participou das oficinas de Teatro e Feminismo, Teatro Legislativo e de Som para Teatro. Foi avaliado no encerramento desse encontro, por vários integrantes, de diversos países, que a qualidade política e estética do encontro foi impar, e que apontou potencialmente para a reconstrução de processos de integração e articulação que existiram na década de 1960, sobretudo, com a plataforma intercontinental de teatro político, impulsionada pela Revolução Cubana, envolvendo grupos de diversos países. Esta rede começou a ser rearticulada com os eventos acima mencionados, e o interesse pela construção de uma Escola de Teatro Político surge com um depoimento em uma mesa da curinga e pesquisadora Argentina Cora Faerstein:

Em 2014, a Companhia do Latão organizou, em São Paulo, o 1º Seminário Internacional Teatro e Sociedade e, em 2015, o Terra em Cena organizou o 2º Seminário Internacional Teatro e Sociedade, no campus de Planaltina da UnB, ocasião em que Cora Ferstein, atriz e militante argentina, apresentou a experiência da Escola de Teatro Político de Buenos Aires. Esse momento foi importante para sinalizar uma possibilidade de trabalho coerente aos anseios expressos pelos participantes dos encontros anteriores.

Em julho de 2016, foi realizado o Seminário Internacional com participação de grupos de oito países na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), localizada em Guararema (SP). Em dezembro do mesmo ano, uma comitiva de representantes de coletivos e movimentos que já estavam mobilizados em função dos encontros anteriores participou da reunião em Buenos Aires para Seminário na Formatura da 2ª turma da Escola de Teatro Político. Nessa oportunidade, os presentes decidiram criar escolas semelhantes em suas cidades. Em 2017, foram inauguradas as escolas do Rio de Janeiro, Distrito Federal e Florianópolis, e São Paulo iniciou articulações para criação de sua escola. Em novembro, foi realizado o 1º Seminário das Coordenações das 5 escolas da rede, na ENFF. (Villas Boas *et al*: 2025, p. 12).

### **A especificidade da práxis do trabalho com teatro**

O que podemos constatar ao longo dos anos com o trabalho sistemático com o Teatro do Oprimido no processo de formação de professores da educação do campo, e com a formação de grupos nas comunidades, é que o trabalho teatral engendra uma práxis específica, que potencializa as diversas dimensões físicas e mentais, emocionais e racionais, implicadas no processo cognitivo de aprendizagem da educação estética voltada para formação politécnica, e desenvolve

igualmente as habilidades políticas e sociais necessárias à cultura do trabalho coletivo, da elaboração dos dados da realidade, visando a identificação das contradições do processo social, focando nas formas possíveis de intervenção sobre os dados do real.

O corpo colocado em ação, pelos treinamentos físicos, pelas ações em espaços públicos, é ativado da mesma forma como a dimensão intelectual é convocada para transfigurar os dados da realidade em forma teatral, fazendo uso consciente dos procedimentos estéticos necessários para a edificação de formas de representação da realidade, porém, de modo distanciado dos padrões hegemônicos, sedimentados em nosso imaginário pela ação permanente da Indústria Cultural.

Nas circunstâncias em que o trabalho com teatro foi assimilado como método de formação pelos movimentos sociais, pelas comunidades do campo e quilombolas, e como forma de ação política, o processo se mostrou potente como método de formação e de organização social, não apenas para o coletivo diretamente envolvido, mas com ressonância para o conjunto da comunidade, na medida em que o grupo se coloca como um elemento de produção de cultura política a partir de um referencial local e interno à comunidade e ao movimento, agindo de forma contestadora em relação aos padrões estéticos e aos códigos políticos e de valores da cultura dominante.

### **Teatro Imagem: a significação da experiência pelo corpo e pela oralidade**

Para populações de regiões que tiveram secularmente a presença do Estado como algoz, na época da escravidão, e depois a omissão do Estado, privando as comunidades quilombolas e os povos do campo de direitos básicos como o acesso à Saúde, à Educação formal, etc, o letramento escrito é uma deficiência fruto da educação precária como projeto de um país que tem a escravidão, o colonialismo e o patriarcado, como dimensões estruturantes da desigualdade.

Na universidade, desde os testes de admissão nos processos seletivos, a linguagem escrita – e não a oralidade, ou o conhecimento aportado no corpo – é o que é exigida e que funciona como filtro para selecionar àqueles que poderão aprender e, futuramente, ensinar. Todavia, grande parte da experiência que esses sujeitos adquiriram foi pela oralidade, pela experiência vivida acumulada na memória do corpo.

Nesse sentido, quando solicitados que escrevam sobre as experiências vivenciadas se apropriando dos conceitos adquiridos em sala de aula, mesmo quando a base teórica, as categorias, são compreendidas e assimiladas, na minoria dos casos isso se reverbera de imediato na produção textual das turmas, o que gera, por sua vez, a impressão, que pode ser equivocada, de ausência da eficácia do aprendizado.

Por outro lado, com o trabalho de desautomatização dos gestos e movimentos corporais, de percepção distanciada da rotina laboral, e do trabalho de construção de significados por meio do Teatro Imagem, a capacidade narrativa gestual demonstra que o processo de aprendizado é maior do que àquele que pode ser aferido por meio do teste da escrita.

### **Teatro Invisível como revide à discriminação sofrida na universidade**

A quarta turma do curso, chamada Panteras Negras, estava em aula na disciplina Pedagogia do Teatro, e no intervalo do turno vespertino retornaram para a sala indignados com uma situação que tinha acabado de acontecer na cantina.

Uma trabalhadora da limpeza puxou uma mangueira e o cano escapou da torneira. A água molhou uma mesa e os cadernos de um casal de estudantes do curso de Gestão do Agronegócio. A reação de ambos foi de dar uma bronca humilhante na senhora e aguardar que ela descesse uma rampa para desligar a torneira e recolocar o cano. A turma da Educação do Campo assistiu a cena, estupefata e indignada, porém, não souberam expressar reação imediata.

Na sala de aula decidimos, em laboratório, refazer a cena e dar a ela um final diferente. O professor da disciplina se dirigiu às servidoras da limpeza, explicou a proposta e pediu um uniforme e os utensílios emprestados. Uma educanda com idade semelhante à da senhora, dona Erotildes, uma mulher negra quilombola Kalunga, no mesmo horário e no dia seguinte, ao passar perto de uma mesa na cantina fingiu tropeçar e virou um balde de água sobre uma mesa molhando os cadernos de um casal de estudantes. No ambiente, naquele horário, estavam os mesmos estudantes das turmas que ali estavam na tarde anterior, portanto, a cena era parecida e ocorria no dia seguinte com pessoas diferentes, mas com o mesmo resultado, o casal, representado por estudantes da disciplina de Pedagogia do Teatro, encenaram uma reação hostil à faxineira e a humilharam com uma bronca e um pedido/ordem para que ela secasse os cadernos.

Bem interpretada pelas duas atrizes e pelo ator, a cena concentrou a atenção de todos, a ponto de a dona da cantina sair de trás do balcão e se colocar próxima à “boca de cena” prestes a intervir para retornar o ambiente à sua normalidade mas, até ela estava paralisada assistindo atônita.

Por fim, a cena invisível foi desmascarada com o propósito de transformar o espaço em uma assembleia, envolvendo estudantes que tinham presenciado as ofensas reais no dia anterior, e com a presença coletiva do segmento de trabalhadoras terceirizadas da limpeza e trabalhadores terceirizados da segurança, que se apresentaram nominalmente para os presentes e puderam fazer uso da palavra para expor a maneira como vinham sendo tratados. O espaço abriu canais de diálogo entre os estudantes e trabalhadores terceirizados e, tempos depois, foi desenvolvido como projeto de extensão um curso de alfabetização de jovens e adultos, que ocorreu no tempo de trabalho dos servidores, com a devida negociação com a empresa. O Teatro Invisível foi compreendido pela turma de estudantes que participou da intervenção como uma arma útil na luta social, como um meio eficaz de estabelecer uma pausa na dinâmica temporal e social que naturaliza e legitima desigualdades, capaz de abrir debates, gerar estranhamento e outras formas de percepção e vínculo entre as pessoas envolvidas.

### **Teatro Fórum como forma de luta contra o patriarcado e o racismo**

Quando o corpo docente do curso da LEdoC começou a realizar seminários de Tempo Comunidade nos diversos territórios de abrangência do curso os instrumentos metodológicos não estavam muito afinados com o compasso metodológico da educação popular, isso significa que o movimento que prevalecia era o de levar para as comunidades, o de estender no sentido tradicional e criticado por Paulo Freire, àquilo que entendíamos como importante para ser debatido na e com a comunidade. Mas, começamos a receber demandas que vinham dos territórios, como condição para que a atividade pudesse ter interesse para a comunidade, na medida em que dialogasse com problemas concretos, que as pessoas consideravam que nosso curso poderia colaborar com o diálogo e até mesmo com a tentativa de resolução de problemas.

Isso aconteceu, sobretudo, a partir de 2009, com o trabalho desenvolvido com a segunda turma do curso, e temas emergentes como a violência doméstica e o racismo começaram a “bater

na porta”. Entretanto, os educadores notaram que o desenho curricular do curso não enfrentava estes problemas de frente, de imediato.

A forma de ensinar era muito tradicional e conteudista e não chegava nos pontos latentes que evidenciavam as contradições vivenciadas pelas comunidades. E lidar com elas era o sinal vívido da demonstração de interesse do curso em, efetivamente, dialogar com as pessoas, com os problemas dos territórios. O Teatro Fórum passou, desde então, a desempenhar papel importante, como instrumento metodológico de fortalecimento da perspectiva de educação popular na LEdoC e nos territórios em que o curso atua. Porque passamos a atuar com as cenas construídas nas disciplinas em Tempo Universidade, ou nas oficinas em Tempo Comunidade, em apresentações em diversos espaços em seminários, jornadas, mostras, congressos, em atividades nas escolas do campo e quilombolas, e nas noites culturais das atividades dos movimentos populares.

De modo que a linha de força do Teatro do Oprimido, que é conseguir transformar um tema/problema em foco de debate público, em forma de assembleia, demonstrou-se muito potente e eficaz no ambiente de formação e organização social da Educação do Campo.

### **Estágio atual e passos seguintes**

O desafio de criação e manutenção dos grupos nos territórios é permanente. Muitos fatores são obstáculos para que os coletivos criados continuem a existir: a desmobilização do elenco decorrente da migração do campo para a cidade, no caso dos assentamentos; as longas distâncias da casa dos integrantes do grupo para o local de ensaio, e as dificuldades com transporte, nas comunidades quilombolas e assentadas; a falta de apoio financeiro para que os grupos consigam se manter e custear despesas básicas com deslocamento, alimentação, figurino, cenários, etc; a falta de vinculação da atuação do grupo na estratégia das associações, ou movimentos, ou das escolas; a baixa demanda por circulação com as peças do repertório, o que gera desmotivação no elenco para os ensaios e encontros permanentes.

Todavia, a despeito das dificuldades, o Coletivo Terra em Cena tem se empenhado na interligação das atividades de ensino, por meio dos componentes disciplinares, com as atividades de extensão e pesquisa, de modo que nos anos de 2023 e 2024 três novos coletivos foram criados: o coletivo Ledocênicas, o coletivo Jiquitáias, e o coletivo Laboratório Teatro e Reforma Agrária

(Latera), formado por um grupo de militantes e estudantes do Distrito Federal, ligados à Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF.

Sabemos que para que os grupos se fortaleçam e novos sejam criados é fundamental que o debate estratégico sobre o lugar que o trabalho teatral pode ocupar no âmbito do trabalho de base, da educação popular e da formação e organização social seja debatido com as direções dos movimentos sociais do campo e associações quilombolas, para que passe a ser compreendido como parte da estratégia das organizações.

No Distrito Federal é importante o fortalecimento da relação com o sistema escolar público, sobretudo, com as mais de setenta escolas do campo do DF, que são espaços potenciais de circulação dos grupos do Terra em Cena, e das cenas desenvolvidas nas aulas de teatro da LEdoC, além de serem espaços para que sejam ministradas oficinas de Teatro do Oprimido.

No âmbito interno do curso, na segunda reformulação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é necessário estabelecer uma estratégia que disponibilize para o conjunto das turmas, e não apenas para os estudantes da área de Linguagens, a oportunidade da introdução às artes cênicas como forma de desenvolvimento das capacidades expressivas corporais e orais, e de aporte instrumental para que possam reconhecer e enfrentar situações de opressão de diversas características. Esse processo, nos primeiros anos do curso, acontecia com a carga horária das disciplinas dos seis componentes disciplinares de Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular (Cebep), em que o Teatro do Oprimido era trabalhado como método para identificar conflitos e opressões nos territórios e comunidades, e construir alternativas de enfrentamento e resolução dos problemas.

Por fim, o que procuramos demonstrar no trabalho é que a parceria entre os movimentos sociais e a universidade é eficaz e produtiva para o processo de formação e organização social, na medida em que metodologias como a do Teatro do Oprimido podem ser trabalhadas de forma transversal, interdisciplinar, e oportunizar com isso não apenas um ganho pessoal de capacidades expressivas e cognitivas para os estudantes, mas também o fortalecimento da capacidade de leitura crítica da realidade por parte das escolas e comunidades, que se tornam mais fortalecidas

quando passam a ter coletivos que expressam seus anseios, pontos de vista, e resistência às opressões por meio do Teatro do Oprimido e outras formas de expressão das artes cênicas, além de outras linguagens artísticas.

## Referências

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FISHER, Max. A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

LEAL, Álida Angélica Alves; DIAS, Alisson Correia; CAMARGOS, Otávio Pereira. Cartografia das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil: expansão e institucionalização. Mônica Castagna Molina, Maria de Fátima Almeida Martins (orgs). In Formação de Formadores: reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MENDES, Mateus. Guerra híbrida e neogolpismo: geopolítica e luta de classe no Brasil (2013 – 2018) . Expressão Popular: São Paulo, 2022.

O’Neil, Cathy. Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

PINTO, Viviane Cristina; VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; ROSA, Simone Menezes da; SILVA, Adriana Gomes. Cultura e Política: narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. Brasília, DF: Simpoiese Projetos Culturais, 2023.

ROCHA, E. N.; VILLAS BÔAS, R. L.; PEREIRA, M. P.; BORGES, A. R. Teatro Político, Formação e Organização Social. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SOUZA, Daniele Cristina de; ANGELO, Aline Aparecida. A alternância nas Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil: concepções e práticas compartilhadas na formação dos formadores. Mônica Castagna Molina, Maria de Fátima Almeida Martins (orgs). In Formação de Formadores: reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin.(2013). MST conta Boal: do diálogo das Ligas Camponesas com o Teatro de Arena à parceria do Centro do Teatro do Oprimido com o MST. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 57, 277-298. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p277-298>

VILLAS BÔAS, R. L. (2021). 2001-2021, duas décadas da Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré: ressonâncias, desafios e interfaces com o trabalho teatral da Educação do Campo. Rev. Bras. Educ. Camp., Tocantinópolis, v. 6, e12410, 2021.<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12410>

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; ROSA, Simone Menezes da; DEETER, Julie Anna Wetzel. Movimentos do teatro político brasileiro: da década de 1960 aos enfrentamentos com o neoliberalismo. Urdimento—Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 54, abr. 2025.

Artigo submetido em 30/04/2025, e aceito em 17/07/2025.